

Raul Veloso Portela

**CURIOSO QUOTIDIANO
DUM COMERCIANTE *
NOS ANOS TRINTA
DO SÉCULO XX VISTO ATRAVÉS
DO SEU DIÁRIO CONTABILÍSTICO**



Portela, António Al
R

Um comerciante estabelecido em BARCELOS

Raul Veloso Portela

**CURIOSO QUOTIDIANO
DUM COMERCIANTE *
NOS ANOS TRINTA
DO SÉCULO XX VISTO ATRAVÉS
DO SEU DIÁRIO CONTABILÍSTICO**

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 59646

Barcelos Perm.

*Nota: Este comerciante é António
Augusto Costa Portela casado com
Cristina de Sousa Portela, avô
paterno do autor deste livro.
Victor Pinho, 2015.09.01*

Ficha Técnica:

Título:

*“O quotidiano dum comerciante barcelense
nos anos trinta do Século XX visto através do seu
diário contabilístico”*

Edições O Carrilhão

Rua do Forte do Zambujal, nº. 19

2640-581 Mafra

edicoes.carrilhao@gmail.com

Autor

Raul Veloso Portela

rvelosoportela@gmail.com

Tiragem

200 exemplares

ISBN

ISBN 978-989-95661-1-8



Impressão e acabamento

Valente Artes Gráficas - Mafra

O PORQUÊ DESTA CURIOSIDADE

Não será muito comum que um comerciante aponte, diariamente, todos os gastos pessoais e domésticos, lado a lado, com os registos dos apuros da caixa e as despesas da sua loja.

Tudo está arrolado, ao pormenor, desde o pó para as pulgas até as contribuições, gorjetas e uns sapatos para o professor do filho.

Dividimos o texto por capítulos temáticos e anotamos os custos de todas as despesas, ao tempo, ainda em réis, moeda monárquica (a conversão foi de 1.000 reis para 1\$00).

Pareceu-nos que naquelas folhas “do deve e do haver” está descrita a vida social duma família de classe média dos inícios do século XX.

Com decorrer das investigações encontrámos uma teia familiar que à data do diário ainda não existia e que veio entroncar nos nomes Veloso e Portela.

Assim, com alguma presunção, aditámos um “Apêndice” que permite conhecer a vida social e política daquela época.

Estas foram as duas motivações para esta publicação todavia não escondemos o aproveitamento para uma singela homenagem aos meus antepassados.

DEDICATÓRIA RESPONSÁVEL

Aos actuais e vindouros dedico este sumário trabalho como uma mensagem familiar: todos temos a missão recordar os nossos antepassados porque deles nascemos.

Estas palavras são para os meus filhos Gustavo e Catarina, neta Maria Inês, sobrinhos Hugo, Inês, Pedro, Nuno, Carolina, António, Madalena, João, Débora e Beatriz.

oooOooo

Ao meu irmão Luiz agradeço a sua colaboração pois muitos postais chegaram da sua paciente recolha dos papéis da família.

O QUOTIDIANO DUM COMERCIANTE BARCELENSE NOS ANOS TRINTA DO SÉCULO XX VISTO ATRAVÉS DO SEU DIÁRIO CONTABILÍSTICO



Largo da Porta Nova (um dos centros comerciais da então vila) na saída da Missa das 11 horas. Ano de 1905 (?)

Este diário contabilístico não era destinado às finanças públicas mas para o controlo pessoal das receitas e despesas e situa-se nos primeiros anos da terceira década do século XX.

É escrito por um comerciante de chapelaria (principalmente chapéus e guarda-chuvas) com um estabelecimento denominado “Casa Portella” e situado na Rua Direita ou D. António Barroso nº80. Montava uma barraca na feira semanal, às quintas-feiras.

Por gracejo, o estabelecimento, em determinada correspondência entre amigos, era referido como “Depósito de Chapéus e Guarda-sol”, “Chapelaria da Moda” ou “Chapelaria High-life”.

Curioso é o facto do pai deste comerciante trabalhar no mesmo ramo (venda de guarda-sóis) aparecendo, na sua correspondência, instalado nas feiras de Aveiro, Fafe, Viana do Castelo e Espinho (Anos de 1894 a 1898).

O TEMPO HISTÓRICO

Politicamente, o nosso país vivia na dita “Ditadura Militar” surgida com a Revolução do 28 de Maio que arrancou de Braga a caminho da capital.

A República tinha negado o voto às mulheres e perseguido a Igreja Católica inclusive prendeu o Bispo do Porto (Natural de Barcelos). Foi uma total desilusão pois, em 16

anos, teve 8 Presidentes da República, 45 governos e cerca de 300 atentados e perante tamanha confusão até o grande Poeta Fernando Pessoa deu o seu apoio ao Estado Novo. O Mundo sofria a crise económica de 1929-1931. Na Europa surgia, entre 1932 e 1933, a ascensão de Hitler.

O Professor António Oliveira Salazar toma posse como Chefe do Governo no dia 5 de Julho de 1932 (*Neste dia o registo do apuro da loja é de 17.400 reis e não há despesas*). A Monarquia Portuguesa ficou encerrada para sempre com morte, em Julho de 1932, do último Rei de Portugal que não deixou descendência.

D. Manuel II morreu em Londres empurrado (verdadeiramente traído) na Ericeira por um imediato da marinha. Parte dos oficiais da Marinha e do Exército estavam filiados na secreta e violenta maçonaria.

Contra a vontade da Rainha D. Amélia o Iate Real foi para Gibraltar em vez de ir para o Porto. (1)

O papel-moeda que ainda se encontrava em circulação era em notas de 500 réis até 100.000 réis que o Banco de Portugal alterou, nos primeiros anos da República, apondo-lhes sobre a Coroa da Monarquia a sobrecarga República, tendo desta forma continuado o dinheiro com o nome de “réis” em circulação até 1929.

Só em 1930, já no tempo do Ministro das Finanças, António de Oliveira Salazar, acabou, formalmente, a dupla circulação monetária em Portugal, retirando a divisa monárquica.

Para o comum dos portugueses o dinheiro continuou a chamar-se “réis” por mais alguns anos como é o caso deste comerciante. A contabilidade particular nos anos 30,31 e 32 do século passado não era registada em escudos mas continuava em reis.

A expressão popular mil réis ou um conto de réis (1.000\$00 escudos) continuou por dezenas de anos. Só depois da entrada do euro é que esta referência foi banida.

A conversão da moeda foi na razão de 1.000 mil-réis para 1\$00 (um escudo). Aquando da adesão ao euro 200\$482 escudos corresponderam a um euro (1).

- (1) *O imediato do iate Amélia convenceu o jovem Rei D. Manuel II a rumar para Gibraltar por razões de segurança e falta de combustível para alcançar o Porto. Como se explica? Os Cruzadores estavam no porto de Lisboa e não foram em seu alcance na viagem para Gibraltar (porto da Coroa Inglesa). Esta viagem era muito mais longa e a falta de combustível deixou de existir? Porque não o porto de Cádiz que estava mais próximo? A ida para a inglesa Gibraltar teve o efeito psicológico da rendição como não poderia deixar de ser. O norte do Portugal e a guarnição militar do Porto só aceitou a derrota da Rotunda depois de conhecer esta situação. O imediato Moreira de Sá do iate Amélia foi promovido pela Republica (23 de Maio de 1919) a Vice-Almirante enquanto o Comandante do iate, Caldeira Castelo Branco, pediu a demissão em fidelidade ao Rei. Em Mafra, na Escola Prática de Infantaria, o Comandante, Coronel Francisco Maria Pinto da Costa (na EPI de 1908 a 1914) disse que não tinha efectivos para proteger o Rei porque estavam de férias (?) em Outubro. Muito estranho! E segundo declarou Azevedo Coutinho o Comandante estava “pouco disposto a quebrar lanças”.*

ACTIVIDADE COMERCIAL

Os fornecedores do estabelecimento eram do Porto, Braga, Lisboa, São João da Madeira, Vila Nova de Famalicão, Fafe, Trofa, Póvoa do Varzim, Espinho e Barcelos mas o seu comércio tinha alguns extras não ligados à chapelaria como gaiolas para grilos, piões, rapas, isqueiros, pilhas eléctricas, torneiras, cintos, carteiras e bengalas.

Como a esposa reparava os chapéus-de-chuva ou de sol encontrámos registo de molas (200 molas por 18.000 réis) e botões (não está registado o preço). Um dos fornecedores do Porto alertava, em Maio de 1898, que a seda, preço à vista, de 45 sobe para 72 e a de 55 passou para 82 reis por causa do câmbio.

Os apuros diários aumentavam muito no dia da feira semanal. Num dia normal apurava-se cerca de 30.000 réis (também dependia muito da época do ano) e nos dias da feira na loja registava-se 320.000 e na barraca 250.000 réis (valores médios).

No dia 3 de Maio de 1931 (Festas das Cruzes) o apuro da feira foi de 1.343.000 réis e na loja 644.300 mas no ano seguinte a feira das Festas só rendeu 504.500 réis e na loja 337.500.

No dia da feira havia que subtrair o salário do empregado (8.000), barraca (9.000), Imposto para Câmara (4.500) e o carroto das mercadorias para a feira de 4.000 réis (ida e volta).

Na actividade comercial cresciam as despesas anuais 8.350 ou 11.600 réis para a União Comercial (será a antecedente da actual Associação Comercial?) (2), Seguro do Ramo Fogo (12.900), Contribuições Industrial (422.000) e Predial (547.000). O recoveiro, Rodrigo Pereira, cobrava, entre 37.000 a 55.000 réis/mês, conforme as quantidades dos volumes acompanhados e transportados do Porto para Barcelos pelos Caminhos de Ferro (CP) e depois entregues numa carreta puxada por uma mulher.

Por vezes o recoveiro era alvo de reclamação do fornecedor do Porto perante o atraso da entrega da encomenda em Barcelos.

Os cheques custavam 500 a 1.000 réis e todos meses se compravam várias vezes selos dos correios (250 a 450 réis) e postais ilustrados de Barcelos (muito singular é o facto da correspondência ser feita em postais ilustrados adquiridos quase sempre na “Pérola da Calçada” de José Miranda – Barcelos” e menos na “Livraria Valle”). Usava-se também, por vezes, telegramas (3.200 reis) e os pagamentos aos fornecedores eram feitos quase sempre por vales de correio.

Também havia um guarda (nocturno?) que recebia, mensalmente, 35.000 réis e um guarda da barraca (1.500). Para a defesa pessoal encontramos o pagamento duma licença de uso e porte de arma (101.000) e uma certidão do Registo Criminal (30.500).

No ano 1932 foi inaugurada, nas Festas das Cruzes a rede telefónica com 144 assinantes mas não há registo da adesão deste comerciante.

(2) *O Presidente da Associação Comercial, durante vários anos, foi o meu bisavô João Carlos Coelho da Cruz. Vide: Raul Veloso Portela: João Cruz – Um Jornalista e Homem Público, in Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 43, n.º 2167 (8 de Julho de 1993) Vide um resumo deste texto com uma fotografia no APÊNDICE deste livro.*



Feira de Barcelos (Postal escrito em 17.9.1928)

ESTADIAS, VIAGENS E PASSEIOS

O agregado familiar, nesta época, era constituído pela esposa e um filho em idade escolar. O primeiro filho faleceu com tenra idade (Vide nota biográfica no Apêndice).

O lema deste comerciante era *“trabalhar como um galego e viver como um lorde”* o que se confirma no seu diário das despesas como estadias, viagens e passeios.

Férias anuais, em Agosto, no Grande Hotel Moderno da Póvoa do Varzim (com toda a família durante 31 dias por 1.427.000 réis ou sozinho no mesmo Hotel (26 dias) por 1.000.000 réis. As gorjetas no Hotel foram, só numa estadia, de 72.500 réis.

Os banhos na Póvoa custaram 90.000 (22 banhos).

O despacho das malas para as férias com destino à Póvoa do Varzim importou 10.000 réis.

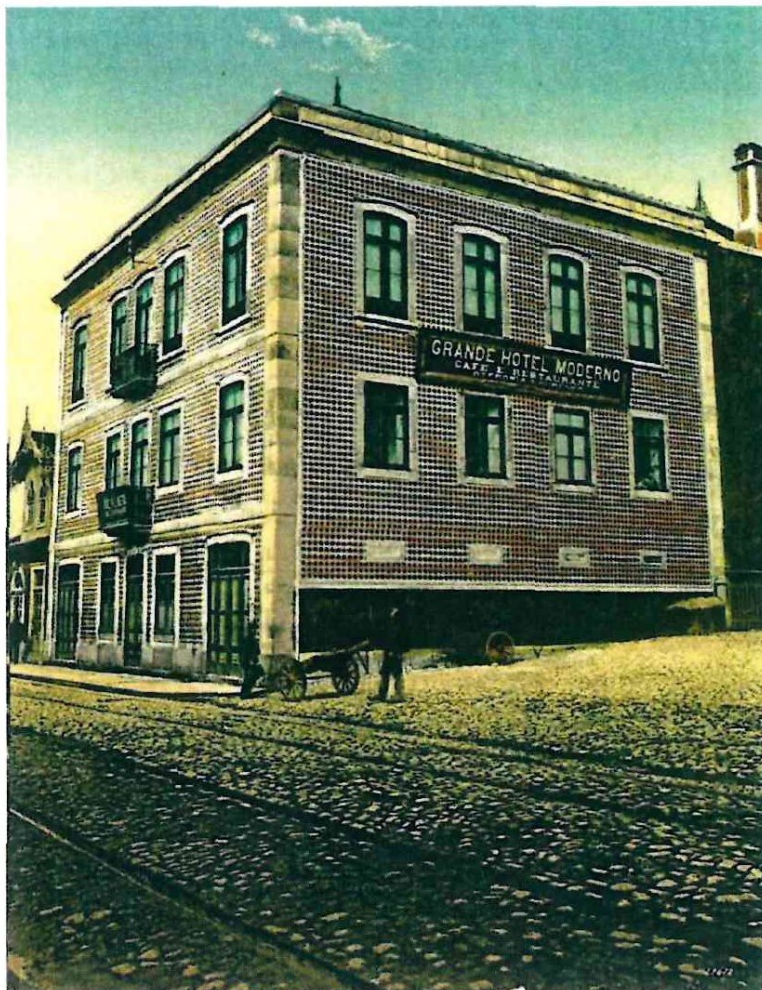
Várias viagens de dois a três dias ao Porto (estadia no Hotel da Batalha) para visita ao médico ou de lazer (245.000; 60.000; 42.000; 67.000; 53.000; 69.000, 128.900, 188.000) e uma de automóvel (ida e volta) por 150.000 réis para a Póvoa do Varzim. Passeios a Braga (112.000); Viana do Castelo (78.000 e 51.000); Póvoa do Varzim (200.000 e 135.000 réis); os três foram a Santo Tirso e custou 160.000 réis; passeio ao Monte da Franqueira (60.000).

Nos passeios, algumas vezes sozinho, mandava postais ilustrados das localidades como Vigo, Valença, excursão a Fão, Apúlia (Estadia em Setembro de 1905), passeio pela Figueira da Foz, Coimbra, Luso, Buçaco e Espinho.

As viagens eram sempre no comboio e muito raro em automóvel alugado.

No final do texto inserimos o rosto dos postais ilustrados enviados dos locais das estadias ou viagens remetidos para a esposa que permanecia quase sempre em Barcelos.

No verão de 1932 António de Oliveira Salazar é nomeado Chefe do Governo mas neste ano não há registo de férias na Póvoa do Varzim. Será que começou a austeridade?



O Grande Hotel Moderno, local habitual da estadia na Póvoa do Varzim (escrito em 28.9.1914 *“recebi 2 jornais e carta tua... tempo muito quente...”*)

DONATIVOS E GORJETAS

Registou uma contribuição para as Festas das Cruzes de 1931 (10.000 réis). As Festas deste ano foram muito pobres e foram os taxistas de Barcelos que fizeram uma subscrição com o fim de mandar ornamentar e iluminar o Largo da Porta Nova. Iluminações ficaram a cargo de João Baptista de Faria e foram contratadas as bandas de música de Landim (esta banda foi fundada pelo meu bisavô António Joaquim de Sousa Velloso. Vide o **APÊNDICE**) e Passarinhos da Povoia do Varzim (3) e (4).

Não esquecer a crise económica após a participação de Portugal na 1ª Grande Guerra. Donativos para Bombeiros de Barcelos (4.500, 9.000) e de Barcelinhos (1.000 e 3.000); Donativo para a (?) Tuberculose de 10.000 réis.

(3) Vide página 107 da *Barcelos-Revista 2ª Série* nºs 14,15 e 16 de 2003/04/05

(4) Por vezes as contribuições dos comerciantes eram muitos grandes para as Festas das Cruzes como foi o caso do meu tetravô Mathias Gonçalves da Cruz (vide quadro a óleo no **APÊNDICE**) com loja de fazendas na Rua Direita que mandou, em 1902, iluminar a suas expensas as fachadas do Hospital da Misericórdia de Barcelos e do Asilo de Inválidos. Vide página 98 da *Barcelos-Revista 2ª Série* nºs 14,15 e 16 de 2003/04/05.

Os pobres recebiam esmolas todas as semanas de valores variáveis entre 5.000/6.000 réis e, por vezes, tudo somado num só mês dava 24.000 réis.

Em regra, o peditório dos pobres era sempre feito ao sábado pelo que o registo aparece de sete em sete dias. *(Na minha meninice o meu pai encarregava-me de entregar tostões - moedas de centavos do escudo - pelos pobres que desfilavam, aos sábados, pela Rua Direita).*

No Natal era diferente porque só na semana natalícia o valor subia para 14.500 ou 15.500 réis.

As gorjetas também eram para o alfaiate e diversas consoadas no Natal (2.500) para a empregada doméstica uma blusa por 6.000 réis e uns chinelos (3.000). O caixeiro (empregado do comércio) recebeu um fato no valor de 136.000 réis.

RELIGIÃO



Templo do Senhor da Cruz a razão e o centro das Festas das Cruzes (postal datado de 1903) (5)

Contribuição, em Julho de 1931, de 418.000 e 390.000 para a Nossa Senhora da Soledade (um dos altares do Templo do Senhor da Cruz tem uma imagem de Nossa Senhora das Dores ou da Soledade); Junta da Paróquia 19.900; Padre (cada ano) 15.000; várias Missas na Igreja de São José (cada 2.000); “5 Missas por alma dos meus queridos...” 50.000 réis; Jazigo 18.000 réis (verba talvez para a sua manutenção). Este jazigo mantém-se na família Portela.

(5) *As Festas das Cruzes tiveram origem num Milagre ocorrido no ano de 1504 que foi inclusive registado em escritura pública conforme certidões lavradas em 1638 e 1662.*

SAÚDE E HIGIENE

Remédios comprados por 143.000, 14.000, 2.500, 1.000, 7.500, 27.500, 4.500, 143.700, 52.500 réis. Remédio para os dentes 5.000 réis.

As Farmácias utilizadas eram Antero de Faria (esta era a preferida) e mais raro era a do João Pacheco.

Uma consulta do oftalmologista no Porto custou 35.000 e outra 43.000. Óculos comprados no Porto 140.000. A ida ao médico no Porto importou com bilhetes de comboio, carro, comer e outras despesas 188.000 réis.

Um atestado médico com o reconhecimento notarial pelo Dr. Torres com cartório na Rua dos Caldeireiros, Porto (3.200). Pagamento ao médico Dr. Matos Graça de 75.000 réis.

Pó para as pulgas 2.500 réis (nesta época os colchões eram do dito “folheiro” (palha de milho) muito propícios aos insectos. Uma ratoeira 1.500 réis.

Outras compras na farmácia: álcool, algodão (500) e parafina (600 réis).

Um mês de barbeiro 11.000 e cortar o cabelo do filho 1.000 réis.

Na etiqueta do livro de contabilidade (edição do Brasil – Rio de Janeiro (6) estava escrito o nome de um remédio para o reumatismo (vide gravura).



Etiqueta do livro brasileiro com a dita anotação a lápis do remédio para o reumatismo

(6) Este livro talvez seja uma oferta do irmão Américo Portella que foi para Brasil no Barco “Orita” em 29 de Março de 1911 e desembarcou em Pernambuco no dia 8 de Abril de 1911. (No postal remetido após a chegada escreveu: Viagem muito boa. Escrevo ao som da guitarra. Pernambuco é lindo).

CULTURA

Ida ao teatro (só bilhetes) no Porto (32.500); Teatro em Barcelos (1 bilhete 3.500); Teatro em Barcelos (3 bilhetes e doce) 27.500; Assinatura anual do jornal O Barcelense (3.000); Jornais o Século (9.000) e o Jornal do Comércio (7.200) pagos ao mês; agulhas para o gramofone (15.000, 77.550); seis retratos na Póvoa (15.000).

Interessante é o facto de o jornal "O Barcelense" receber uma consoada no Natal do valor de 2.500 réis.

Compra de um livro para lavrador (2.500 réis).

ESTUDOS DO FILHO

Pagamento ao professor do filho 25.000 réis e muito curioso o registo da oferta de um par de sapatos ao professor do filho (19.000); livros (84.500, 8.200); aguçadeira (1.500); uma lousa 1.000; certidão escolar (5.500); requerimento para a escola (8.200 e 7.200); certidão de idade do filho (8.300); certidão de vacina (8.700); despesa escolar de 5.000 réis; papel selado para a escola (2.000 réis); papel para a escola (1.800).

VÍCIOS

Todas as semanas há registos da compra de tabaco, cigarros ou mortinhas (1.000, 3.000, 1.700, 3.200, 5.500 réis), uma fumadeira (50.000), inúmeras vezes lumes, provavelmente fósforos (200 réis).

A lotaria ou um vigésimo também era uma despesa semanal (19.000 até 38.000 réis) mas sem sucesso (Um irmão, ao que consta, ganhou uma vez um bom prémio).

VIDA DOMÉSTICA

As despesas de casa comportavam entre 50.000 a 60.000 réis semanais entregues à dona da casa. Para além disto era contabilizado a engomadeira (900 a 7.100 réis), a lavadeira 4.000 a 5.000 réis, a criada recebia uma mensalidade de 25.000/35.000 réis, luz do prédio, por mês, entre 13.500 a 24.000 réis.

Alimentação: vinho comprado avulso e quase diário (5.000 a 8.000 réis), fruta 2.500, melão 1.500, azeite 3.600, queijo 2.500, doce da Confeitaria Salvação (Festa de Anos) 8.200, no Natal, doces da Confeitaria Salvação 33.950, Bolo-Rei (9.600), lampreia (6.000), queijo (1.800/10.000), carne de porco (23.000), dois frangos (15.000), bacalhau (8.300).

O fornecedor principal da mercearia e vinho era o vizinho Ferreira e mais raro o Armazém de Mercearia de Tomás José Araújo e Companhia.

Para o fogão da cozinha era preciso carvão (2.500, 3.000, 3.400), carros de lenha (64.400, 30.000, 22.000 e 8.000) e petróleo (1.600).

Para o Natal comprou-se uma árvore de Natal e artigos (enfeites para a árvore?) por 15.000 réis.

Outra compra, pontual, era de alpista (25.000) e painço (29.000) que faz supor existir canários.

Encontrámos um registo de 280.000 réis para pagamento da instalação eléctrica noutro prédio da família sito na Rua Direita, nºs 14/18.

AGORA VAMOS À ROUPA E ACESSÓRIOS

ESPOSA

Para a esposa encontrámos registos de compras de vestidos (26.500, 92.500, 133.000, 56.500 réis), despesas de costureira e modista (51.600 e 19.000), tingir vestidos (25.000 e 12.000), blusas (5.000 e 8.000), sapatos 75.000, lenços 1.500, meias 16.500, concerto de calçado 2.000 réis.

Concerto de ouro (4.000) e compra de brincos de diamante 400.000 réis.

FILHO

Casaco 15.000 réis, feitos de fatos para o filho (70.000, 100.000, 35.000), sapatos 55.000, meias 7.650, concerto de botas 5.000 e 1.000 réis, alpercatas 4.500, chapéu 35.000 réis. Roupas só feitas 9.000 réis. Feito de calças 10.000 réis.

Um relógio custou 132.500 réis.

CHEFE DA FAMÍLIA

Conta do alfaiate 10.000 e 250.000, cinco gravatas 10.000, chinelos 10.500 réis, duas ceroulas 70.000, tingir sobretudo 20.000, para o alfaiate Barbosa 5.000 réis.

Mensalidade para o engraxador (1.000 e 1.200 réis).

Botões de punho 250.000 réis e um relógio com corrente 305.000 réis. Concerto de um relógio 20.000 réis.

TAMBÉM HAVIA UMA REDUZIDA AGRICULTURA

Este comerciante possuía um pequeno quintal nos arredores de Barcelos que dava despesas e igualmente eram registadas na contabilidade doméstica.

Construção civil e reparações: concertos dos portões do quintal 270.000, concerto da bomba do quintal 25.000, pedreiro nos trabalhos do quintal (33.000 e 275.750).

Actividade agrícola: jornaleiro para podar (5.000 e 10.000), um carro de estrume 20.000, dois carros de estrume 27.000 e 20.000 réis, sulfatar 46.400 réis, lavrar o quintal 9.000, jornaleiro mensal para o quintal (8.500, 5.500, 4.000, 3.000).

Dos produtos deste quintal haveria o vinho conforme os registos das despesas: vindima, batoques (11.700) e rolhas (10.600) e sebo (500) para os tampos dos pipos.

Nota: *Os comerciantes nesta época tinham quintas destinadas à agricultura é o caso dos meus bisavôs António Joaquim de Sousa Velloso e João Carlos Coelho da Cruz (vide notas biográficas no APÊNDICE)*

A LISTA DAS RELAÇÕES COMERCIAIS

Vieira Araújo e Companhia; Pacheco e Companhia (Braga); Faria Fernandes, Lda.; Bazar Cedofeita (Porto); Santos e Ribeiro; Papelaria Azevedo (Porto); Manuel Quintas (Barcelos); Temudo Pereira e Companhia; Alfredo Guedes Machado (Trofa); José Carvalho da Silva; Humberto Gonçalves (Barcelos); Guilherme e Falcão (Lisboa); A. Figueiredo Júnior (Barcelos); Almeida Martins e Companhia; Viúva Simplício (Barcelos); José das Dores e Companhia; Barros e Silva; J. Sousa e Silva; Trindade e Companhia; José Joaquim dos Santos (Lisboa); Joaquim Ferreira (Espinho); Joaquim Moreira da Silva; Cruz e Freitas (São João da Madeira); Centro Internacional do Comércio (Lisboa); Luís Ferreira Palha (Braga); Júlio Lima e Companhia Lda.; Henriques Palmares Lda.; Porfírio Malheiro, Lda. (Famalicão); Bazar Parisiense; Nogueira e Fonseca, Lda.; Andrades Villares; Loureiro Sucessores; Empresa Industrial de Chapelaria, Lda.; Palmares e Companhia; Henrique Moreira (Lisboa); Araújo e Companhia Lda.; Castro e Irmão; A. Espinoza; Bazar Económico e Manuel António Diogo (fabricante de guarda-sóis) (Porto).

Um dos fornecedores permanentes era o Senhor Coimbra que era também muito amigo da família mas nunca é referido qual o tipo de mercadorias transaccionadas (há muitos registos de pagamentos por conta do que se conclui muita confiança pessoal e comercial).



Armazém de Merceria de Tomás José Araújo e Companhia e Depósito da Companhia dos Tabacos de Portugal (outro dos fornecedores de merceria) na Rua Barjona de Freitas. Ano de 1910 (?)



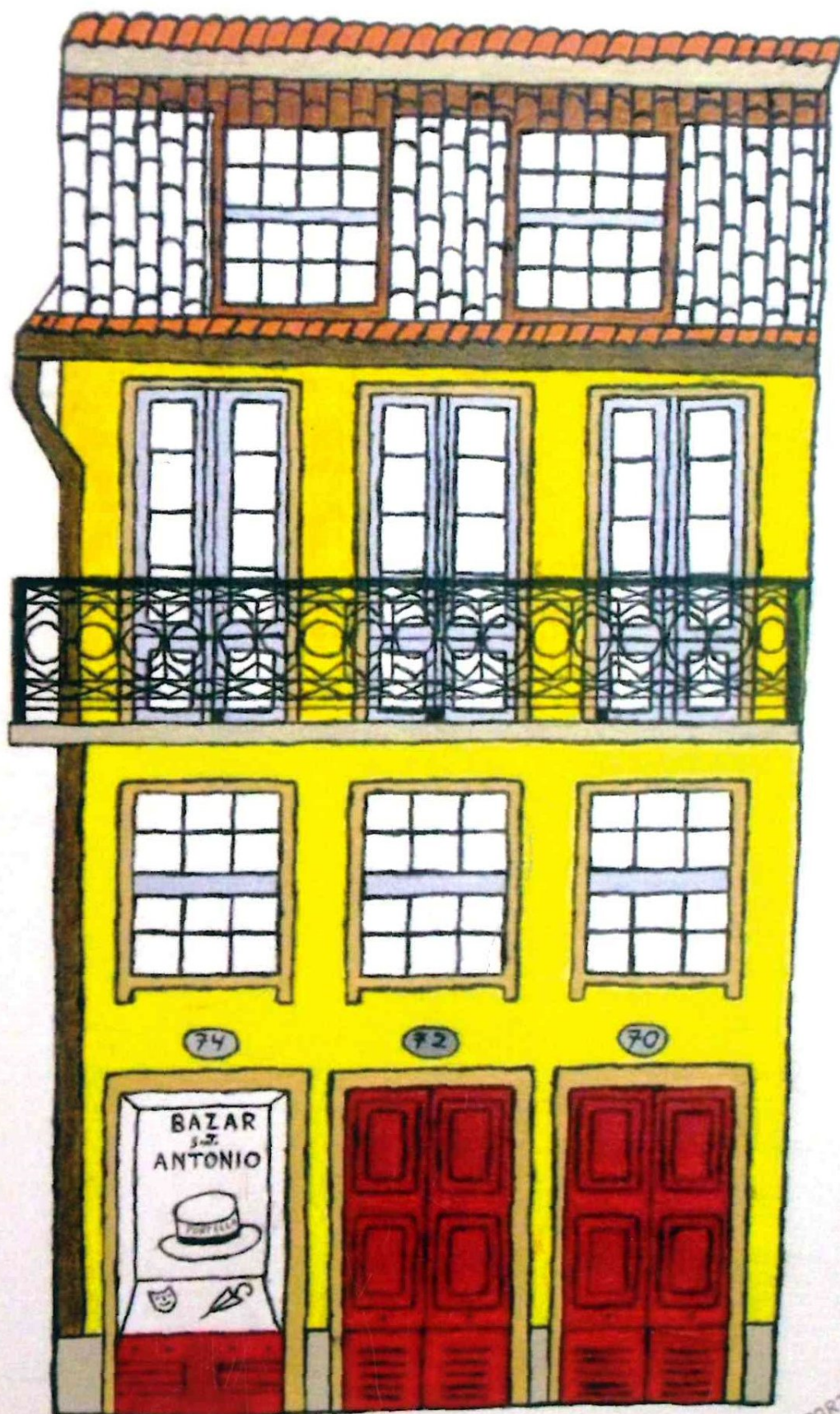
Rua Direita ou D. António Barroso (do lado esquerdo a Casa Coelho Gonçalves e do lado direito a Confeitaria Salvação ambas com registos de compras) Ano de 1903 (?)



Feira semanal vista do lado poente. Ano 1910 (?)



Feira semanal vista do lado nascente em 1928



Desenho aguarelado de Luíz Veloso Portela (2005)

Este era o edifício da chapelaria visto mais recente. Na fachada, nos anos trinta do século passado, e sobre a loja existiu um grande chapéu em chapa de cor amarela com indicação “Casa Portella” (Era uma forma de publicidade comum em Barcelos. Uma sapataria teve um grande tamanco preto sobre a sua porta) (7).

(7) *Raul Veloso Portela Anúncios Populares*, in «*Jornal de Notícias – Suplemento Literário*», Porto (12 de Janeiro de 1967)

Barcellos, 29 de Junho de 1930

27- Dinheiro em caixa - 4.849.600	28- Semana finda Manuel - 70.000
28- Apuro mais - 12.100	29- Dei pra conta A. Portella 4.000.000
29- Apuro - 463.300	29- Mais despesa casa - 13.500
27- Deu Augusto, despesa de 420.000 (estar em minha casa)	30- Paguei man filha 2.000
30- Apuro - 31.000	30- vinho, tabaco, e papel 8.100
Julho de 1930 - - -	30- Louro, lavadeira, fofelho 5.900
1- Apuro - 48.250	Julho 1- Bombas Barcelhinas 1.000
2- Apuro - 37.050	1- Paguei 1 mes Barbino - 9.000
3- Apuro feira - 393.000	1- Paguei 1 mes jornas 5.000
3- Apuro casa - 256.000	1- Paguei 1 mes Pereira - 20.000
4- Apuro - 90.500	2- Doce, mine e frei - 6.500
5- Apuro - 193.000	2- despesa casa e vinho - 22.000
6- Apuro - 20.200	3- Despesa casa e vinho - 60.000
	3- papel, Barraca, empregado, imposto 23.500
	4- Paguei frutos, J. Miranda 6.000
	4- " " , Miranda, (Perito) 10.000
	4- frutos, Recreio, frijos 3.600
	5- Robres, vinho 12.000
	5- Semana finda Manuel - 70.000
	6- Despesa de casa, e vinho - 59.000
	6- engom, Paguei Laintas, 1 bacalha 65.900
	6- Caixa 2.341.000
6.814.000	6.814.000

Cópia duma das páginas do diário contabilístico. Na coluna da esquerda estão os apuros de cada dia e o saldo anterior transitado. Na coluna da direita inserem-se as despesas, do dia-a-dia, com o registo pormenorizado de cada consumo doméstico e outros custos da actividade comercial

POSTAIS ILUSTRADOS ENVIADOS DOS LOCAIS DAS ESTADIAS OU VIAGENS



Póvoa de Varzim – Passeio Alegre (escrito 18.9.1927 “... logo vou ver a procissão, ontem não fui ver o fogo... para me levantar cedo para ir à Missa e fui à Misericórdia...”)



Póvoa de Varzim Monumento ao Cego do Maio é lado sul da Praia do Pescado

Póvoa de Varzim – Monumento ao Cego do Maio e Praia do Pescado (escrito em 3.9.1927 “Está muito vento... vou-me sentar na praia a descansar, lendo e tomando os ares do mar...”)



Póvoa de Varzim Vista parcial tirada da torre da Camara Municipal

Póvoa de Varzim – Vista parcial (escrito em 12.9.1927 “*Recebi 2 postais daí e o Barcelense... estar aqui tratando da minha saúde, pois isto aborrece, ontem foi um dia de frio (ao natural) e hoje dia lindo, mas muito vento.*”)



Largo e Café do Chinês (Póvoa de Varzim) escrito em 30 de Setembro de 1922)



Vigo (estadia em 12.10.1903, no Hotel Continental, *“levo-te um grilo como recordação do meu passeio a Vigo”*)



Vigo – La Darsena (postal escrito em 11.10.1909 *“vou agora comprar para ti uma recordação, mas coisa boa”*)



Espinho – Praia de banhos (escrito em 27.9.1910)



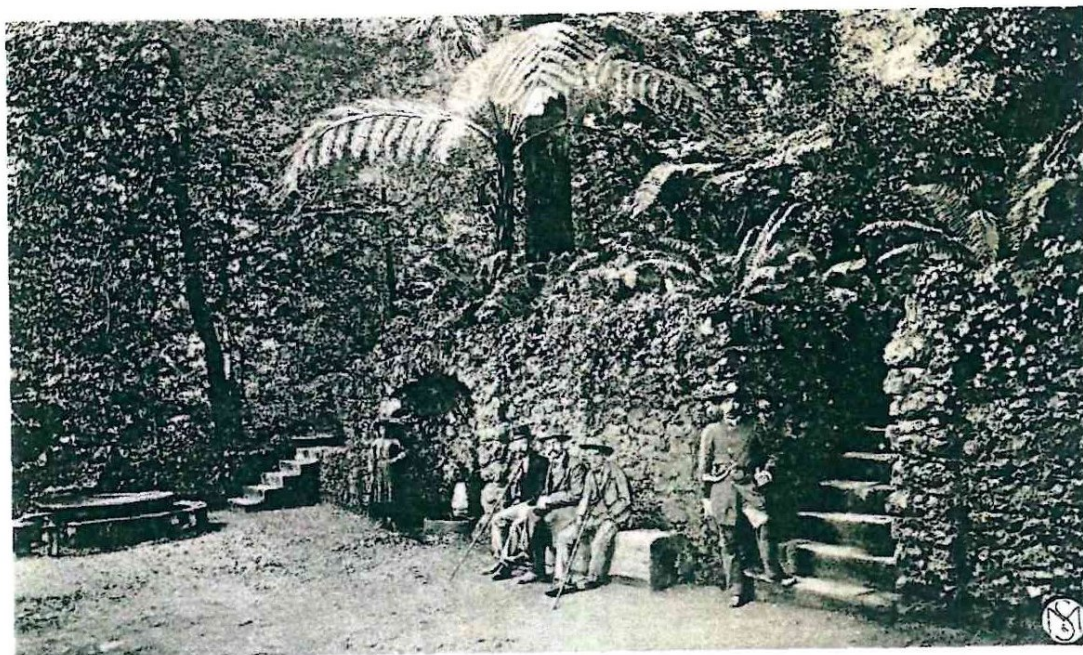
Vila do Conde (escrito em 30.9.1916)



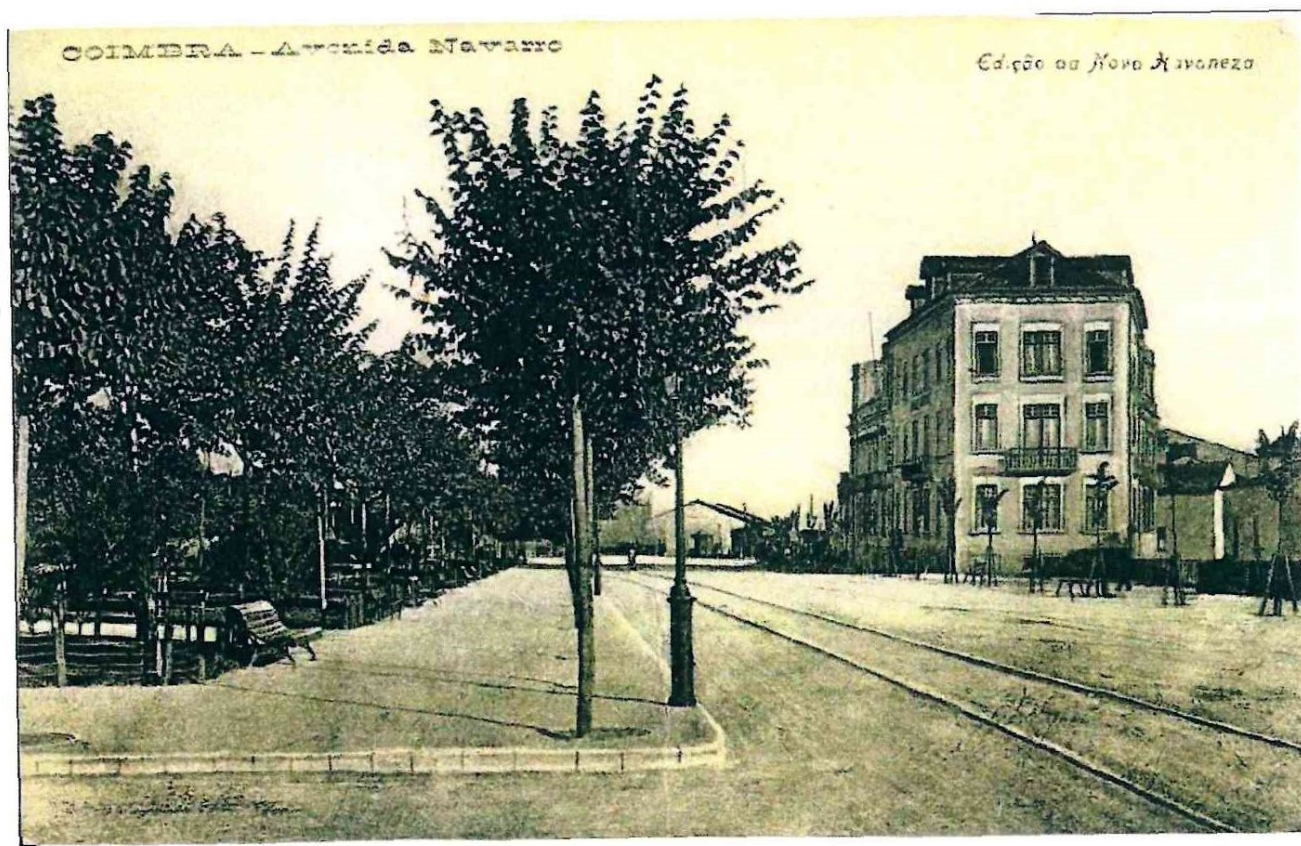
Esposende – Rua Veiga Beirão (escrito em 21.9.1913)



Figueira da Foz – Barra, jardim e Mercado (escrito em 26.9.1910 ... e do outro lado a praia de banhos")



Buçaco – Fonte do Carregal (escrito em 27.9.1910 “Neste postal reclama que pouco se pode ver no Buçaco devido à quantidade de pessoas. Estou cheio de pó e escrevo-te daqui com custo.”)



Coimbra – Avenida Navarro (Postal escrito em 25.9.1910 com a indicação do Hotel onde almoçou(?) – imagem do Hotel no postal)



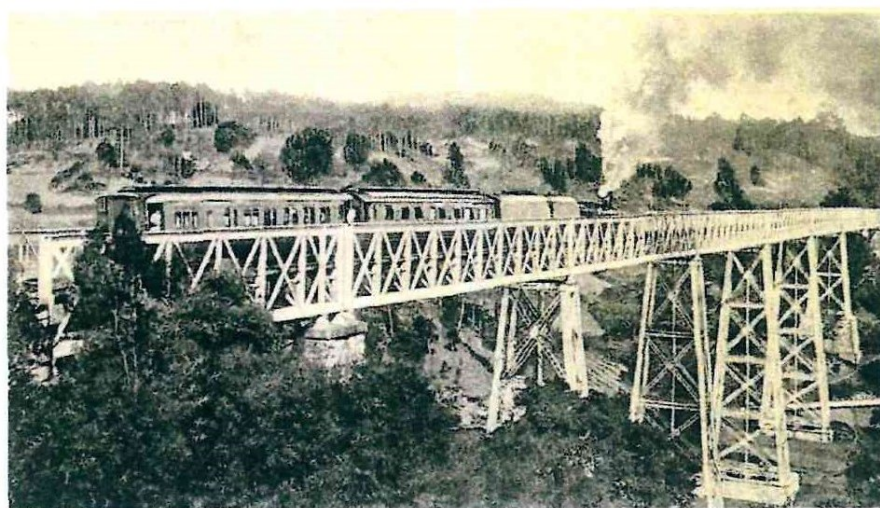
Caminha – Cais pequeno, canhoeira e Rio Minho (escrito em 10 de Outubro 1909)



Valença – Portas do Meio (escrito em 9.10.1909)



Fão – Ponte sobre o rio Cávado (escrito em 6.9.1915 “... dei um passeio a Fão, com boas companhias, bebi um cálice de vinho fino, foi uma extravagância...”)



Luso – Ponte do Caminho de Ferro, Beira Alta (escrito em 27.9.1910).

APÊNDICE

NOTAS BIOGRÁFICAS DOS FAMILIARES

ROCHA PORTELA



Fotografia de 1984 (?) com alguns dos netos (Zambujal, Mafra)

António Augusto da Rocha Portela nasceu em Barcelos no ano de 1918 e faleceu em Lisboa em 1986. (Nota: O menino na capa, ao centro e entre os pais, é António Augusto da Rocha Portela).

“Na actividade comercial (é descendente de uma longa geração de comerciantes) muito se distinguiu com representações a nível concelho, distrital e até nalguns casos foi agente em todo o Minho. Na década de cinquenta, introduziu o uso do gás butano na cidade, verificando-se uma reviravolta nos usos culinários pois começou o abandono do tradicional fogão a lenha. Inovador, também, na apresentação de stands modernos nas Festas das Cruzes. Foi co-fundador e membro da direcção de várias organizações civis, tais como: o clube ABC (extinto), o Jornal de Barcelos, O CREPA (Clube Recreativo e de Propaganda de Apúlia) e a Cooperativa de Habitação «A minha Vivenda». Membro de corpos directivos do Grémio de Comércio de Barcelos (Tesoureiro) e da Casa do Povo de Santa Eugénia de Rio Covo. Pertenceu à Confraria de Nossa Senhora da Franqueira para onde contribuiu em favor do seu progresso e melhor conhecimento do seu Santuário. Fundador do Jornal de Barcelos onde largamente colaborou com especial incidência no Correio das Aldeias e Notícias da Franqueira nos primeiros anos de vida do semanário.”

(Extracto dum texto, sem autor, publicado no Jornal de Barcelos, ano 35, nº 1734 de 23 de Março de 1984, página 2).

JOÃO CRUZ - UM JORNALISTA E HOMEM PÚBLICO



João Carlos Coelho da Cruz

Nasceu em Barcelos em 8.1.1874 e faleceu em 2.6.1951 (Fotografia publicada na Barcellos-Revista – Quizenário Ilustrado – 1910 – página 42)

“Como homem público foi Vice-presidente da Câmara Municipal de Barcelos e vereador por diversas vezes. Durante muitos anos presidiu à Associação Comercial e Industrial de Barcelos de que foi um dos fundadores e à Comissão das Festas das Cruzes. Como secretário da Comissão do Monumento do Bispo D. António Barroso tornou-se um acérrimo promotor da sua construção. Fundou, em 1917, a Sopa dos Pobres. Foi secretário da Direcção do Recolhimento do Menino de Deus e presidente da Associação Humanitária de Socorros Mútuos de Barcelinenses. Dirigiu a Associação de Beneficência dos Empregados do Comércio de Barcelos, a Assembleia Barcelense e o Sindicato Agrícola. Por várias vezes foi mesário da Santa Casa da Misericórdia.

Quanto à faceta de jornalista «O Barcelense» considerou-o «O decano dos Jornalistas de Barcelos». Colaborou com diversos jornais de Barcelos e muito especialmente n’ «O BARCELENSE» desde o primeiro número. Nos inícios de 1969, este periódico, publica uma fotografia do «grupo de dedicados e combativos colaboradores» onde se vêem entre outros Ribeiro Novo, Rogério Calás de Carvalho (fundador e Director até à morte), Tenente Cardoso e Silva (Z), Lucindo Carvalho (continuidor do jornal), farmacêutico Carlos Ramos, Augusto Vieira, Dr. Gonçalo Araújo, padre Vila Chã Esteves e João Carlos Coelho da Cruz.

Foi correspondente de vários jornais como «A VOZ» e «A Pátria Portuguesa», do Rio de Janeiro, mas manteve-se, ao longo de dezenas de anos, fiel ao «COMÉRCIO DO PORTO», onde foi considerado o decano dos seus correspondentes”.

(Extracto do texto publicado no Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 43, nº.2167, de 8 de Julho de 1993)



Ao centro está João Cruz, Vice-Presidente da Comissão Administrativa do Município de Barcelos, ladeado pelo Ministro da Justiça, Silva Monteiro, e o Capitão Francisco Caravana, Presidente daquela Comissão Municipal.

(Festa da elevação de Barcelos a cidade no dia 14 de Outubro de 1928)

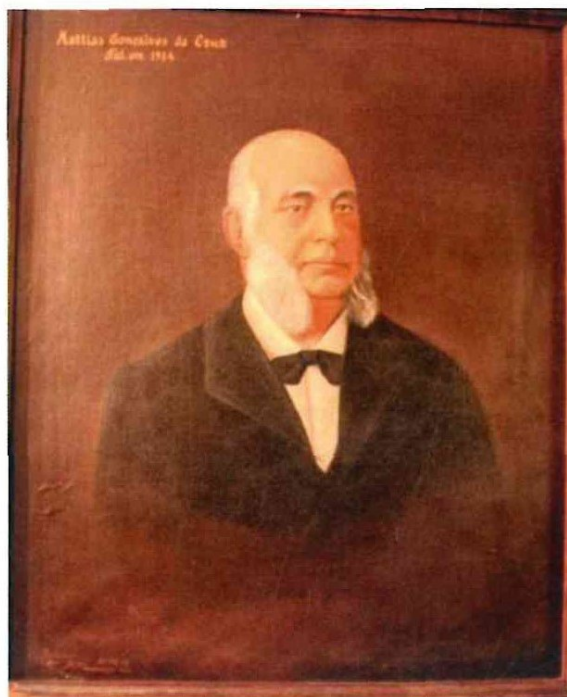


João Cruz (na foto o primeiro do lado esquerdo), Secretário da Comissão do Monumento do Bispo do Porto, D. António Barroso, no dia da inauguração em 31.8.1931. Está a discursar o Conde de Vilas Boas



Grupo de colaboradores do jornal "O Barcelense" (João Cruz é o primeiro do lado esquerdo dos sentados) fotografia publicada em Fevereiro de 1969 no jornal "O Barcelense"

MATHIAS GONÇALVES DA CRUZ



Mathias Gonçalves da Cruz

(Retrato a óleo s/tela da Galeria da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos)

Nasceu em Terroso, Póvoa do Varzim, em 23.2.1837, e faleceu em Barcelos em 26.2.1906. Comerciante de fazendas, tesoureiro e benemérito da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, mecenas das Festas Cruzes, Vereador pelo Partido Regenerador e exerceu vários cargos em diversas organizações (in o jornal “O Barcelense”, ano 1914, nº157).

ANTÓNIO JOAQUIM DE SOUSA VELLOSO AGRICULTOR E POLÍTICO REPUBLICANO



António Joaquim de Sousa Velloso

António Joaquim de Sousa Velloso foi Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e Administrador do Concelho.

Recebeu a Medalha de Prata dos Estados Unidos do Brasil na Exposição Nacional de 1908, em Comemoração do 1º Centenário da abertura dos portos do Brasil ao Comercio Internacional.

Conferida a medalha de classe 3 pelo seu vinho tinto verde de 1903 no Palácio de Cristal Portuense - Exposição Agrícola e de Produtos Mineralógicos em 1903/1904.

Sócio fundador do Sindicato Agrícola de Vila Nova de Famalicão (16/06/1915) Além de fundador do Sindicato Agrícola surge nos Corpos Gerentes [1920 a 1922] como Vice-Presidente do Conselho Fiscal. Presidente do Sindicato Agrícola em 1914. Fez parte da Comissão das Festas Antoninas, Parada Agrícola e Industrial (15, 16 de Junho de 1912) constituída pela Associação Comercial e Industrial e a Associação de Agricultura de Famalicão.

Fundador da Banda de Landim que existia no ano de 1869/1889 e fez parte do Clube de Caçadores.

VIDA PARTIDÁRIA

António Joaquim de Sousa Velloso aparecia nas listas dos partidos ou nos cargos políticos como proprietário ou agricultor e natural de Landim.

Efectivo na Comissão Municipal Republicana de 1895; Vice-Presidente da Assembleia Geral da Comissão Municipal Evolucionista do Partido Republicano Evolucionista em

[illegible]

BIBLIOGRAFIA:

“Barcelos Antigo no Postal Ilustrado”, edição da Câmara Municipal de Barcelos, 1994.

Moreira de Sá *“Aclarando a Verdade”* com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão, edição da Mar de Letras, 1999.

Rui Ramos, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Monteiro *“História de Portugal”* 7ª edição da Esfera dos Livros, Lisboa

Fernando Honrado *“A Queda da Monarquia – Da Ericeira a Gibraltar vai um Rei – Fuga ou traição?”* Edição Acontecimento, Lisboa, 1993

Pedro Rabaçal *“100 Datas que fizeram a História de Portugal”* Edição de Mercador, 2013

Amadeu Gomes de Araújo, Carlos A. Moreira Azevedo *“Réu da República – Bispo do Porto”* Aletheia Editores, 2009

Amadeu Gonçalves *“Festas e Espectáculos entre a Monarquia (1900-1910) e a I República (1910-1926)”*, 2014

Amadeu Gonçalves *“Os Partidos Políticos e a I República: o caso de V. N. de Famalicão”*, 2014

Amadeu Gomes de Araújo e Carlos A. Moreira Azevedo *“Réu da República – O Missionário António Barroso – Bispo do Porto”*, Aletheia - Editores

“Homens bons, de Barcelos, dos nossos dias” in *“O Barcelense”* nº 1143, de 18 de Fevereiro de 1933

Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 43, nº.2167, de 8 de Julho de 1993

Barcellos-Revista – Quizenário Ilustrado, edição da Empresa do Barcellos-Revista, 1910

Barcellos-Revista – 2ª Série. n.ºs 14,15 e 16 – 2003/2004/2005

Alguns postais de Barcelos foram datados a partir do livro *“Barcelos Antigo no Postal Ilustrado”* edição da Câmara Municipal de Barcelos (1994).

Todos os postais reproduzidos pertencem às colecções de Luiz Veloso Portela e do autor deste livro.



Raul Veloso Portela nasceu em Barcelos em 1945. Foi um dos fundadores do jornal copiografado *O Treze* (1963). No Norte de Moçambique, em 1968, como alferes miliciano e responsável pelas Escolas Regimentais, organizou o jornal de parede da Unidade e publicou no jornal do Batalhão. Do registo militar constam dois louvores dos Comandantes das duas Unidades onde prestou serviço em Moçambique. Foi condecorado com a Medalha Comemorativa das Campanhas com a legenda “Moçambique 1967-70”.

Começou a escrever na imprensa em 1967 e em 1983 n’ *O Carrilhão*, sendo coordenador da página «*Das Artes e das Letras*» a partir do seu início, em 15 de Novembro de 1991. Hoje, é Director-Adjunto deste quinzenário mafrense fundado em 1980.

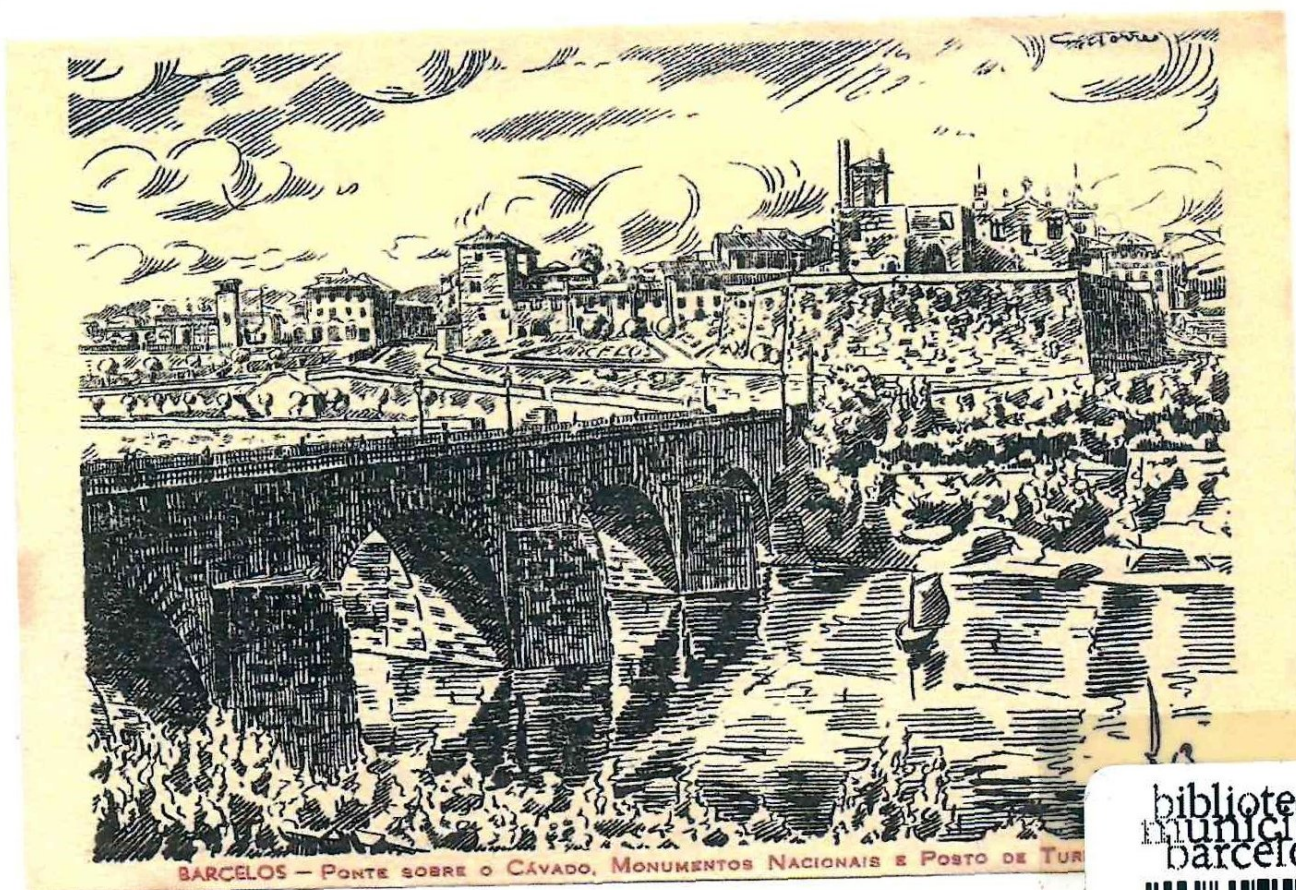
Publicou, desde 1968, quase uma centena de contos, estórias e crónicas, nomeadamente nos jornais *Voz do Minho*; *Barcelos-Popular*; *Jornal de Barcelos* e *O Carrilhão* e os livros *História do Jornal “O Carrilhão” Breve Monografia* (Edições Carrilhão, 2000); *O Abração ao Palácio de Mafra – Os Votos Poéticos* – organização, textos e fotos (Edições Carrilhão, 2008).

Também textos e estudos de cariz etnográfico como: *Anúncios Populares*, in «Jornal de Notícias – Suplemento Literário», Porto (12 de Janeiro de 1967); *Barristas de Mafra*, in *O Carrilhão* (15 Jun., 15 Jul., 15 Ago., 15 Set. e 15 Nov. de 1996); *O Burrito no figurado dos Barristas de Mafra*, in *O Carrilhão* (15 Dez, 1996); *O Figurado nos barristas de Mafra*, in *Boletim Cultural/96*, Mafra, 1997, pp. 195-206; *O Figurado nos barristas de Mafra*, Mafra, 1997 (Separata actualizada e revista); *Garrafas Antromórficas e Bilhas Zoomórficas*, in *O Carrilhão* (15 Maio de 2000); *Anúncios Populares de Mafra – Breves Contributos*, in *Boletim Cultural/2001*, Mafra, 2002, pp. 143-167; *O Desenho nos Anúncios Populares*, in *O Carrilhão* (15.12.2005) e *Apanha do golfo e o que é golfo?* in *O Carrilhão* (15.12.2008).

Publicou diversas achegas para *História da Imprensa Barcelense* (dados transcritos do livro *A Imprensa Barcelense*, Edição da Câmara Municipal de Barcelos, 1992. Foram actualizados): *Há mais de Cem Anos Nasceu em Barcelos o Primeiro Jornal*, in *Jornal de Barcelos*, Barcelos, ano 24, nº.1198 (7 de Junho de 1973); *Um Caso Ímpar: Barcellos-Revista*, in *Jornal de Barcelos*, Barcelos, ano 25, nº.1229 (10 de Janeiro de 1974); *Para a História da Imprensa Barcelense. O Jornal de Barcelos na década de cinquenta*, in *Jornal de Barcelos*, Barcelos, ano 33, nº.1640 (4 de Março de 1982); *Para*

a História da Imprensa Barcelense – Uma fuga à suspensão, in Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 38, p.p.1 e 2 (3 de Março de 1988); *Breve evocação dos fundadores deste Jornal*, in Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 40, nº.2013 (15 de Fevereiro de 1990); *Apontamento para História da Imprensa Barcelense: O Jornal O TREZE*, in Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 42, p.3 (10 de Setembro de 1992) e *João Cruz – Um Jornalista e Homem Público*, in Jornal de Barcelos, Barcelos, ano 43, nº.2167 (8 de Julho de 1993).

Fez parte do quadro de chefias do extinto banco Crédito Predial Português (incorporado no Banco Totta) assim como do actual banco Santander-Totta.



Desenho do Pintor Gonçalves Torres – Postal editado pelo Bazar de Santo Ant
(sem data)

biblioteca
municipal
barcelos



59646

Curioso quotidiano dum
comerciante nos anos trinta do